

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas 2

Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguística e artes: perspectivas críticas e teóricas 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-378-1 DOI 10.22533/at.ed.781190506 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Uma grande partilha de saberes é revelada neste livro aos diversos leitores e interlocutores desta obra. Todos os trabalhos que dão formas a este livro partem de correntes teóricas e práticas em que os autores se identificam, além disso, esta coletânea revela e mostra como as múltiplas motivações cooperam para a ampliação dos conhecimentos a serem adquiridos pelos sujeitos que aceitam o desafio de desbravar cada estética e poética textual.

Neste segundo volume da coletânea, a diversidade de temas tratados insere-se na tríade: *letras, linguística e artes*. São tratados neste livro quarenta e um trabalhos de variados autores que admitem a necessidade de realização e amostragem da pesquisa científica, porque mesmo alguns dizendo que no Brasil não se produzem conhecimentos, mostramos que produzimos sim, produzimos muita ciência.

No primeiro capítulo, os autores demonstram a importância cultural imaterial existente nos mitos e lendas da cidade de Barreirinhas, Estado do Maranhão. No segundo capítulo, alguns resultados são apresentados sobre a realização do procedimento sequência didática a partir de um gênero textual. No terceiro capítulo são compreendidos os diversos aspectos na obtenção das noções gerais do processo administrativo fiscal.

No quarto capítulo, os autores problematizam reflexões sobre as polêmicas existentes entre os conceitos de normalidade e anormalidade. No quinto capítulo, a autora analisa o conto *A Igreja do Diabo*, de Machado de Assis, sob o viés do Discurso Religioso. No sexto capítulo há uma exposição de uma pesquisa cujo tema foi a aprendizagem da língua inglesa com o uso de jogos pedagógicos como estratégias de motivação para o aluno aprender um idioma estrangeiro.

No sétimo capítulo, os autores relatam uma experiência desenvolvida no Ensino Médio Integrado do Campus Paraíso do Tocantins, do Instituto Federal do Tocantins. No oitavo capítulo o ensino de língua inglesa para crianças é tomado como ponto de reflexão. No nono capítulo, a autora apresenta resultados parciais de entrevistas referentes ao ensino de língua italiana para a terceira idade.

No décimo capítulo, os autores relatam algumas experiências vividas durante um projeto de ensino de língua italiana voltado ao público infantil. No décimo primeiro capítulo, as autoras apresentam os aspectos referentes ao funcionamento do cérebro humano no ato de ler e os aspectos cognitivos envolvidos na leitura. No décimo segundo capítulo, a autora analisa como os discursos médicos sobre a loucura e as instituições estatais à enfermidade psíquica se destoam da descrição dos internos a respeito da experiência da insanidade e com o respectivo aparato clínico e institucional.

No décimo terceiro capítulo, as autoras discutem a inclusão do internetês como prática escolar em uma tentativa de aproximação do ensino da língua portuguesa com a realidade dos alunos. O autor do décimo quarto capítulo apresenta e sugere algumas estratégias de ensino no contexto da Educação de Jovens e Adultos, reiterando que

não devem ser seguidas como fórmulas infalíveis, mas como formas de problematizar as práticas de professores. No décimo quinto capítulo é discorrido sobre a conceituação de reificação do sujeito, concebida pelo filósofo alemão Axel Honneth.

No décimo sexto capítulo, os autores discutem como o Programa Inglês sem Fronteiras, na Universidade Federal de Sergipe tem contribuído para a formação de professores de língua inglesa. No décimo sétimo capítulo, as autoras sistematizam as relações musicais e sociais de um grupo de jovens no decorrer de encontros de musicoterapia, utilizando-se da pesquisa qualitativa. No décimo oitavo capítulo, as autoras analisam e investigam os efeitos de sentidos dos discursos sobre a inclusão do sujeito surdo no ensino regular.

No décimo nono capítulo é discutido a subutilização do texto poético em salas de aula do Ensino Fundamental. No vigésimo capítulo, as autoras apresentam uma análise sobre a organização pedagógica do trabalho com Educação Física na Educação Infantil do Campo, identificando o lugar que ocupam os jogos e as brincadeiras no universo escolar das crianças do campo. No vigésimo primeiro capítulo, o autor averigua a incidência de textos sagrados das tradições monoteístas do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo no romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar.

No vigésimo segundo capítulo são propostas algumas reflexões sobre a atuação do psicólogo dentro do universo escolar. No vigésimo terceiro capítulo, os autores estabelecem ligação entre a arte urbana e o geoprocessamento, com a finalidade de explorar a pluralidade de leituras do espaço urbano do município do Rio Grande – RS. No vigésimo quarto, a autora reflete sobre o trabalho com a produção, correção e reescrita textual, decorrente de um processo de Formação Continuada de ações colaborativas promovidas pela pesquisadora.

No vigésimo quinto capítulo, a autora apresenta resultados de uma pesquisa que problematiza a maneira como uma coletânea de material didático de língua inglesa para o ensino médio é investigada. No vigésimo sexto capítulo, a autora explora o possível auxílio que os dicionários de sinônimos poderiam oferecer a estudantes de espanhol de níveis mais avançados que necessitam executar tarefas pedagógicas de produção. No vigésimo sétimo capítulo um projeto de extensão e todas as suas etapas são apresentados pelas autoras.

No vigésimo oitavo capítulo, as autoras refletem as relações entre linguagem e poder por meio de análises de posicionamentos dos internautas em notícias veiculadas em sites e postagens em mídias sociais que mostrem a influência do uso da norma culta e debates sobre a língua. No vigésimo nono capítulo, a autora problematiza a representação sobre o indígena como cultura minoritária constituída pela esfera jurídico-administrativa cujo eco discursivo repercute na esfera educacional brasileira. No trigésimo capítulo, os autores discorrem sobre as noções de sentidos no Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, abordando questões de sentido e referência de um sistema linguístico.

No trigésimo primeiro capítulo, a autora desenvolve a ação pedagógica adotando

uma postura interdisciplinar e de trabalho em equipe, construindo competências e saberes educacionais, além de colaborar com a formação musical dos integrantes do grupo. No trigésimo segundo capítulo, os autores estudam o sofrimento amoroso e a afinidade do amor nas canções brasileiras passionais separando-as em duas subcategorias. No trigésimo terceiro capítulo, os autores colocam em discussão a linguagem audiovisual da série animada estadunidense de humor *South Park*, no tratamento da religião islâmica como forma de desobediência e resistência ao chamado radicalismo religioso do grupo Estado Islâmico.

No trigésimo quarto capítulo, os autores propõem uma nova sequência didática para trabalhar o gênero textual cardápio nas aulas de língua inglesa. No trigésimo quinto capítulo, os autores apresentam uma leitura do romance juvenil *O Fazedor de Velhos*, de Rodrigo Lacerda, alisando os elementos estruturais da narrativa, como a configuração da personagem principal, do espaço e do narrador. No trigésimo sexto capítulo, os autores investigam o romance *Rua do Siriri*, de Amando Fontes, com a finalidade de elucidar como as mulheres viviam durante o período histórico discutido no texto literário.

No trigésimo sétimo capítulo, as autoras investigam os estereótipos veiculados pelo discurso midiático referente à ocupação da mesa do senado durante a Reforma Trabalhista, 2017. No trigésimo oitavo capítulo, a autora verifica como os livros didáticos de Língua Portuguesa do segundo ciclo dos anos iniciais do ensino fundamental indicados pelo Ministério da Educação, por meio do Plano Nacional do Livro Didático, 2016, apresentam e exploram a variação linguística. No trigésimo nono capítulo, a autora apresenta um estudo investigativo à luz dos vínculos linguístico-culturais e identitários de professores de língua inglesa.

No quadragésimo capítulo, a autora analisa a natureza de contexto a partir de dados obtidos em grupos de leitura compartilhada sob uma perspectiva ecológica. E, por fim, no quadragésimo primeiro capítulo, o contexto da Educação Infantil na relação com a formação de professores representa o foco de discussão, partindo, sobretudo da cultura corporal nesse contexto de ensino.

Desejamos aos leitores um proveitoso passeio pelas reflexões inseridas em cada capítulo e que as teorias e as práticas sejam capazes de problematizar a construção de novos conhecimentos aos interlocutores que queiram desvendar esta coletânea.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MEMORIA CULTURAL: OS MITOS E AS LENDAS QUE ENCANTAM A COMUNIDADE E VISITANTES DE BARREIRINHAS – MA	
Fernanda Carvalho Brito Monique de Oliveira Serra Michelle de Sousa Bahury Luciano Torres Tricárico	
DOI 10.22533/at.ed.7811905061	
CAPÍTULO 2	13
MINHA TERRA TEM HISTÓRIAS-O GÊNERO CORDEL NO ALEGRE	
Aleide Josse Rodrigues Ataíde Costa Rosilene Alves de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.7811905062	
CAPÍTULO 3	28
NOÇÕES GERAIS DO PROCESSO ADMINISTRATIVO FISCAL	
Marina de Alcântara Alencar Priscila Francisco da Silva Marcondes da Silveira Figueiredo Junior	
DOI 10.22533/at.ed.7811905063	
CAPÍTULO 4	36
NORMALIDADE E ANORMALIDADE DISCUTINDO ENQUADRAMENTOS COMPORTAMENTAIS	
Paulo de Tasso M. de Alexandria Junior Jéssica Gontijo Nunes Juliane Hirose Malizia Mariana Araújo Bichuete Cavalcante Millais Lariny Soares Rippel	
DOI 10.22533/at.ed.7811905064	
CAPÍTULO 5	52
O DISCURSO RELIGIOSO NO CONTO A IGREJA DO DIABO, DE MACHADO DE ASSIS: INTERTEXTUALIDADE ENTRE BÍBLIA E LITERATURA	
Priscilla Cruz Delfino	
DOI 10.22533/at.ed.7811905065	
CAPÍTULO 6	69
O ENSINO DE INGLÊS POR MEIO DE JOGOS PEDAGÓGICOS: UMA ESTRATÉGIA PARA O ENVOLVIMENTO ATIVO DO ALUNO COM A APRENDIZAGEM DE UM NOVO IDIOMA	
Claudecy Campos Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.7811905066	

CAPÍTULO 7	85
O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA DE FORMA INTERDISCIPLINAR, INTERCULTURAL E LÚDICA: ESPANGLISH, UM EXEMPLO DE INOVAÇÃO	
Graziani França Claudino de Anicézio Márcia Sepúlveda do Vale Roberto Lima Sales	
DOI 10.22533/at.ed.7811905067	
CAPÍTULO 8	95
O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS NO PIBID: APRENDIZADOS E EXPERIÊNCIAS	
Anna Clara de Oliveira Carling Riscieli Dallagnol	
DOI 10.22533/at.ed.7811905068	
CAPÍTULO 9	104
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA A TERCEIRA IDADE	
Wânia Cristiane Beloni	
DOI 10.22533/at.ed.7811905069	
CAPÍTULO 10	115
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA CRIANÇAS	
Alessandra Camila Santi Guarda Gabriel Bonatto Roani Wânia Cristiane Beloni	
DOI 10.22533/at.ed.78119050610	
CAPÍTULO 11	125
O FUNCIONAMENTO DO CÉREBRO E OS PROCESSOS COGNITIVOS ENVOLVIDOS NO ATO DE LER NUMA PERSPECTIVA DA NEUROCIÊNCIA	
Silvana Lúcia Costabeber Guerino Janaína Pereira Pretto Carlesso	
DOI 10.22533/at.ed.78119050611	
CAPÍTULO 12	132
O HOSPÍCIO EM DISPUTA: O DISCURSO MÉDICO E A LITERATURA BARRETEANA	
Roberta Teixeira Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.78119050612	
CAPÍTULO 13	147
O INTERNETÊS NA ESCOLA	
Lidiane da Silva Alves Marta Marte Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.78119050613	
CAPÍTULO 14	155
ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.78119050614	

CAPÍTULO 15	164
O NÃO RECONHECIMENTO DO OUTRO E A EDUCAÇÃO: A REIFICAÇÃO DE AXEL HONNETH	
Caroline Mitidieri Selvero	
DOI 10.22533/at.ed.78119050615	
CAPÍTULO 16	175
O PROGRAMA INGLÊS SEM FRONTEIRAS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS: LEGISLAÇÃO E PERCEPÇÕES	
Luana Inês Alves Santos	
Sérgio Murilo Fontes de Oliveira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.78119050616	
CAPÍTULO 17	181
O QUE EXPRESSAM OS JOVENS QUANDO CRIAM MÚSICA: A MUSICOTERAPIA MEDIANDO INTERAÇÕES	
Neide A. Silva Gomes	
Rosemyriam Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.78119050617	
CAPÍTULO 18	195
O SUJEITO SURDO NO ENSINO REGULAR: ANÁLISE DOS DISCURSOS DA LEI 10.436 E DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO	
Maria Andreia Lopes da Silva	
Marilza Nunes de A. Nascimento	
Claudete Cameschi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.78119050618	
CAPÍTULO 19	205
O TEXTO POÉTICO EM SALA DE AULA: ESSE BEM INCOMPREENSÍVEL	
Valdenides Cabral de Araújo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.78119050619	
CAPÍTULO 20	218
O TRABALHO PEDAGÓGICO COM JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO	
Elizabeth Pereira Barbosa	
Luciana Freitas de Oliveira Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.78119050620	
CAPÍTULO 21	230
OS PALIMPSESTOS SAGRADOS DA <i>LAVOURA ARCAICA</i>	
Raphael Bessa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050621	
CAPÍTULO 22	243
PENSANDO O FAZER DA PSICOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR	
Luiza Bäumer Mendes	
Marcele Pereira da Rosa Zucolotto	
DOI 10.22533/at.ed.78119050622	

CAPÍTULO 23	249
POÉTICAS URBANAS: CARTOGRAFIA DE GRAFFITI EM RIO GRANDE/RS	
Bianca de Oliveira Lempek De-Zotti	
Christiano Piccioni Toralles	
Raquel Andrade Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050623	
CAPÍTULO 24	262
PRÁTICAS DIALÓGICAS DE LINGUAGEM: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO EM SALA DE AULA COM OS COMANDOS DE PRODUÇÃO TEXTUAL COMO ATIVIDADE DE INTERAÇÃO	
Dayse Grassi Bernardon	
DOI 10.22533/at.ed.78119050624	
CAPÍTULO 25	274
PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO EM ATIVIDADES DE LI	
Silvelena Cosmo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.78119050625	
CAPÍTULO 26	290
PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: A CONTRIBUIÇÃO DOS DICIONÁRIOS DE SINÔNIMOS	
Laura Campos de Borba	
DOI 10.22533/at.ed.78119050626	
CAPÍTULO 27	305
PROJETO DE EXTENSÃO: LEARN ENGLISH	
Tamara Angélica Brudna da Rosa	
Victória Botelho Martins	
DOI 10.22533/at.ed.78119050627	
CAPÍTULO 28	310
RELAÇÕES DE PODER DECORRENTES DO DOMÍNIO DA NORMA CULTA: REFLEXÕES A PARTIR DE TEXTOS VIRTUAIS	
Caroline Melo	
Ana Amélia Furtado de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050628	
CAPÍTULO 29	326
REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO INDÍGENA EM DOCUMENTO OFICIAL E SUA REPERCUSSÃO NO CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO	
Icléia Caires Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050629	
CAPÍTULO 30	342
SAUSSURE E WITTGENSTEIN: SENTIDO E REFERÊNCIA NO INTERIOR LINGUAGEM LÓGICO- FORMAL	
Julio Neto dos Santos	
Ivanaldo Oliveira dos Santos Filho	
Daniella Brito Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.78119050630	

CAPÍTULO 31	352
SÉRIE CONCERTOS DIDÁTICOS DA “CONFRARIA DE LA YERBA”	
Carla Eugenia Lopardo	
DOI 10.22533/at.ed.78119050631	
CAPÍTULO 32	361
SOFRIMENTO AMOROSO E FINITUDE DO AMOR NA CANÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DE DUAS CANÇÕES	
Carlos Vinicius Veneziani dos Santos	
Gabriela Ramalho da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.78119050632	
CAPÍTULO 33	376
SOUTH PARK E O ESTADO ISLÂMICO: A LINGUAGEM AUDIOVISUAL COMO FORMA DE DESOBEDIÊNCIA E RESISTÊNCIA	
Lucas Mestrinheire Hungaro	
Roselene de Fátima Coito	
DOI 10.22533/at.ed.78119050633	
CAPÍTULO 34	384
TO SEE OR TO EAT? - A REFORMULAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO CARDÁPIO	
Camila Rangel de Almeida	
Esther Dutra Ferreira	
Joane Marieli Pereira Caetano	
Laís Teixeira Lima	
Carlos Henrique Medeiros de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.78119050634	
CAPÍTULO 35	397
UM HERÓI EM FORMAÇÃO: O PASSAR DO TEMPO EM <i>O FAZEDOR DE VELHOS</i> , DE RODRIGO LACERDA	
Marcilene Moreira Donadoni	
José Batista de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.78119050635	
CAPÍTULO 36	413
UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DA MULHER EM <i>RUA DO SIRIRI</i> , DE AMANDO FONTES	
Viviane da Silva Valença	
Alisson França Santos	
DOI 10.22533/at.ed.78119050636	
CAPÍTULO 37	422
UMA INVESTIGAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS VEICULADOS PELO DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE A OCUPAÇÃO DA MESA DO SENADO DURANTE A REFORMA TRABALHISTA EM 2017	
Camila Kayssa Targino Dutra	
Verônica Palmira Salme Aragão	
DOI 10.22533/at.ed.78119050637	

CAPÍTULO 38	437
VARIÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL I	
Mirely Christina Dimbarre	
DOI 10.22533/at.ed.78119050638	
CAPÍTULO 39	449
VÍNCULOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS E IDENTITÁRIOS DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA	
Luciana Specht	
DOI 10.22533/at.ed.78119050639	
CAPÍTULO 40	459
LINGUÍSTICA ECOLÓGICA: A NATUREZA DO CONTEXTO EM UMA PRÁTICA DE MULTILETRAMENTOS	
Raquel Souza de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050640	
CAPÍTULO 41	468
A CULTURA CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
Joseane da Silva Miller Rodrigues	
Eliane Aparecida Galvão dos Santos	
Fernanda Figueira Marquezan	
DOI 10.22533/at.ed.78119050641	
CAPÍTULO 42	476
O CAMPO DA ARTE E SUAS RELAÇÕES COM A TECNOLOGIA: REALIDADE VIRTUAL	
Michelle Sales	
DOI 10.22533/at.ed.78119050642	
SOBRE O ORGANIZADOR	490

RELAÇÕES DE PODER DECORRENTES DO DOMÍNIO DA NORMA CULTA: REFLEXÕES A PARTIR DE TEXTOS VIRTUAIS

Caroline Melo

Centro Universitário do Sul de Minas
Varginha – Minas Gerais

Ana Amélia Furtado de Oliveira

Centro Universitário do Sul de Minas
Varginha – Minas Gerais

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo a reflexão sobre as relações entre linguagem e poder por meio de análises de posicionamentos dos internautas em notícias veiculadas em sites e postagens em mídias sociais que mostrem a influência do uso da norma culta ou debates sobre a língua. Tal abordagem se justifica na necessidade de se pensar a Língua como fenômeno social e heterogêneo, além da urgência de implementar, de forma efetiva, a abordagem das variantes linguísticas em sala de aula. Este propósito foi conseguido mediante revisão bibliográfica sobre fenômenos linguísticos da variação e normatização, pesquisa exploratória na rede social *Facebook*, sites de revistas, jornais e blogs através da coleta de comentários, postagens e discussões cuja temática seja a Língua Portuguesa. Nos resultados percebeu-se que ainda há supervalorização da norma culta, manifestada através do preconceito e intolerância, não somente linguísticos, mas também de cunho social, geográfico, econômico e político. Um

achado para pesquisa foi, no entanto, o fato de que os conceitos da Sociolinguística começam a disseminar-se, gerando a emergência de maior consciência linguística crítica por parte dos usuários. .

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Redes Sociais Virtuais. Relações de poder.

ABSTRACT: This article intends to reflect on the relations between language and power through analyzes of the positioning of Internet users regarding the language. Such an approach is justified by the need to think of language as a social and heterogeneous phenomenon, in addition to the urgency to effectively implement the approach to language variants in the classroom. The objective of this research is the investigation and analysis of news published in newspapers and magazines, postings in social media, showing the relations of power that influence the use of the cultured norm or debates about the language. This purpose will be achieved through bibliographic review on linguistic phenomena of variation and normatization, exploratory research on the social network *Facebook*, virtual magazines and sites through the collection of comments, posts and discussions whose theme is the Portuguese Language. In the results it was noticed that there is still prioritization of the formal norm to the detriment of the colloquial language

that manifests itself through prejudice and intolerance, not only linguistic, but social, geographic, economic and political prejudice. However, a finding for research was the fact that the concepts of Sociolinguistics begin to spread, generating the emergence of greater critical linguistic awareness on the part of users

KEYWORDS: Sociolinguistics. Virtual Social Networks. Power relations.

1 | INTRODUÇÃO

Existem diversas relações de poder que permeiam a sociedade e podem ser percebidas, inclusive, no âmbito linguístico quando se defende a exclusividade do uso da norma culta como língua autêntica, desfavorecendo grupos e classes sociais que se comunicam por meio de variantes que a ela não se adéquam. A norma culta é uma convenção social e pode ser utilizada como “escudo” para disfarçar relações de poder, discriminação, intolerância e preconceito.

No atual contexto, o advento da tecnologia e das redes sociais tem mudado a forma como o ser humano se relaciona e se comunica. A escrita passou a ser mais praticada e, como estamos inseridos em uma sociedade em que a escrita tem maior peso e formalidade em relação à fala, surgem novos olhares e julgamentos da sociedade em relação ao uso que as pessoas fazem da própria língua.

É comum percebermos a visão de internautas de que quem escreve “errado” ou usa a linguagem coloquial não está apto ou não é inteligente o suficiente para expressar sua opinião, mesmo que essa seja a língua praticada pela maioria da população. Considerando que a organização do texto dá indícios de como o autor pratica significações (ORLANDI, 2001) e que a metalinguagem intolerante e/ou preconceituosa pode camuflar (ou denunciar) outros preconceitos, de todas as ordens (LEITE, 2008, p. 14), a presente pesquisa tem como objetivo a investigação e análise de postagens e comentários em redes sociais, buscando compreender as relações de poder decorrentes da (in)adequação do uso da língua portuguesa em relação à norma padrão.

A partir da análise dos recortes de textos postados na rede social *Facebook*, objetiva-se refletir sobre os seguintes questionamentos: Quais seriam as concepções de língua/norma entre os falantes? Quais as motivações para a correção do português em uma comunicação cotidiana? Que tipo de variações são alvo de maior preconceito linguístico? Que determinações sociais influenciam os usos aceitáveis?

Ao propor a busca pelas respostas a esses questionamentos, a pesquisa pretende contribuir para a reflexão e conscientização de educadores, professores de língua materna e dos próprios falantes a fim de que possam refletir sobre a diversidade e heterogeneidade linguística. Pretendemos mostrar as relações de poder que influenciam o uso da norma culta, gerando intolerância em relação à diversidade linguística.

Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica para compreensão dos

fenômenos linguísticos da variação, da normatização e as relações entre linguagem e poder. Também foi realizada uma pesquisa exploratória nos veículos de comunicação online e na rede social *Facebook*, para investigar textos e discussões cujo tema fosse o uso da norma culta, postagens que mostrassem as relações de poder presentes na linguagem, além dos debates sobre a língua. O *Facebook* e veículos de comunicação online foram escolhidos devido à ampla ocorrência de debates entre os internautas e pela naturalidade das manifestações textuais. Os internautas comunicaram espontaneamente, sem terem sido avisados sobre a pesquisa de abordagem sociolinguística. Além disso, verifica-se que as postagens alcançam públicos de diversos tipos e as pessoas as usam para influenciar na defesa de suas ideias.

Alguns dos critérios utilizados para nortear a pesquisa exploratória foram: tema e relevância das postagens, páginas de grande relevância e seu público-alvo; reação dos usuários da rede: Análise de como os usuários reagiram as postagens, se houve ou não debate/divergência de ideias.

2 | REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Normatização e Variação

Norma, do ponto de vista linguístico, é um padrão pré-estabelecido que funciona como um filtro social que faz com que os falantes escolham diferentes construções de acordo com a situação linguística (LEITE, 2008). Em seu sentido mais específico, ela equivale “a um conjunto de preceitos que definem o chamado ‘bom uso’, o uso socialmente prestigiado da língua” (FARACO, 2017, p. 12). A norma linguística brasileira é comumente conhecida como “norma culta”:

[...] pode-se dizer que o adjetivo “culto”, como qualificador do substantivo norma, qualifica a linguagem praticada por pessoas escolarizadas, mais prestigiadas socialmente, cuja linguagem se caracteriza por aproximar-se [...] das regras previstas nos instrumentos linguísticos [...](LEITE, 2008, p.59)

Sendo assim, a norma culta é utilizada pela parcela considerada mais culta e letrada da sociedade, é prestigiada pela maioria dos veículos de comunicação, principalmente os oficiais.

Como a norma culta aproxima-se das regras previstas nos instrumentos linguísticos, os falantes, em busca de seu domínio, são influenciados pelo perfil das gramáticas normativas em circulação no país e também pela visão de língua a que tiveram acesso em seu processo de letramento.

A exposição e o convívio com a uma visão purista e estruturalista da língua incutem a ideia de que a norma culta é a única correta, verdadeiro sinônimo de língua portuguesa. Isso leva ao desprezo da riqueza cultural e diversidade linguística presentes no país.

É preciso considerar que as variações são as mudanças que ocorrem na língua

durante o tempo e existem independentemente das ações normativas (BAGNO, 1997). Não estamos dizendo aqui que a norma culta deva ser “extinta”, como muitos devem pensar quando se deparam com as novas ideias da Sociolinguística. Apenas que consideremos a língua não como um objeto solidificado, mas diverso e em constante movimento. Ao se pensar assim, passa-se a considerar as variantes como parte da língua, não como erro, mesmo essas ocorrências não sendo muitas vezes socialmente bem aceitas.

Sabemos que as variantes não padrão, ou seja, aquelas que não necessariamente seguem a norma culta, não têm o mesmo prestígio e são, muitas vezes, consideradas como “erradas” por serem praticadas por pessoas que possuem baixa influência social, baixa escolaridade e a linguagem diferente da prevista nos instrumentos formais. (LEITE, 2008).

A consequência da predominância da visão normativa de língua é refletida na sociedade. Observa-se que a grande mídia e o ensino tradicional dificilmente abordam (ou, diante das novas propostas pedagógicas, abordavam) a diversidade linguística do Brasil.

2.2 Linguagem e Poder

Atualmente, o termo *preconceito* é muito mencionado nos veículos de comunicação, porém, o preconceito linguístico passa despercebido. É fundamentado por mitos relacionados à própria língua, como, por exemplo, o mito da unidade linguística brasileira, o fato de se considerar que português é uma língua difícil e o paradigma de que somente em Portugal se fala o português correto. (BAGNO, 2007)

Bagno defende, ainda, que preconceito linguístico e preconceito social estão diretamente relacionados. O preconceito em relação ao modo de falar do nordestino não é puramente linguístico, mas também geográfico e social. Essa associação gera intolerância “disfarçada” de tradição. Um exemplo de preconceito derivado da “tradição” é pensar que a população da região sul/sudeste é mais culta e fala melhor o “português” se comparada à população da região norte/nordeste.

Através de piadas, falas que são passadas de geração em geração, o preconceito dissemina-se. Segundo Bobbio (1992, *apud* LEITE, 2008, p. 22), o preconceito “[...] pode construir-se sobre o que nem foi pensado, mas apenas assimilado culturalmente ou plasmado em irracionalidades, emoções e sentimentos. O preconceito, portanto, não tem origem na crítica, mas na tradição, no costume ou na autoridade. [...]”

Há como compreender as comunicações oficiais usando na norma culta, porém, estas podem ser utilizadas como ferramenta de dominação quando a linguagem é colocada de forma mais rebuscada e preciosista propositalmente para dificultar o entendimento. A esse respeito Bagno faz uma análise da linguagem da constituição brasileira:

[...] todos os brasileiros a que ela [constituição] se refere deveriam ter acesso mais amplo e democrático a essa espécie de língua oficial que, restringindo seu caráter

veicular a uma parte da população, exclui necessariamente uma outra, talvez a maior.(BAGNO, 1997,p.17)

Durante a história, utilizaram a linguagem associada à autoridade para dominar as massas. As grandes revoluções foram lideradas por um falante que, através da sua autoridade ou da posição que ocupava, tornaram-se grandes líderes. Isso está relacionado ao discurso, ao poder. Segundo Gnerre, a linguagem:

não é usada somente para veicular informações, isto é, a função referencial denotativa da linguagem não é senão uma entre outras; entre estas ocupa uma posição central a função de comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive. (GNERRE, 1991 p.5)

Devido ao prestígio da norma culta, o domínio desse bem cultural que não é acessível a todos torna-se um instrumento de poder e fator de segregação. É o que afirma Leite (2008 p.26) “[...] a linguagem é importante fator de identidade e de segregação porque denuncia diferenças desde que o homem começou a falar.” (LEITE, 2008, p.26).

Em seu livro, Bagno (2007) considera, no entanto, um mito achar que o domínio da norma culta é instrumento de ascensão social. De fato, geralmente, as pessoas que dominam a norma culta são as que tiveram acesso a uma educação de qualidade, mas de que adianta este domínio para aqueles que não têm as condições básicas – educação, segurança, saúde – de qualidade de vida?

[...] O domínio da norma culta de nada vai servir a uma pessoa que não tenha acesso às tecnologias modernas, aos avanços da medicina, aos empregos bem remunerados, à participação ativa e consciente nas decisões políticas que afetam sua vida. [...](BAGNO,2007,p.65)

Os professores de português são os que mais zelam pelo emprego da norma padrão, porém, continuam lutando por um salário digno e condições básicas para ministrarem suas aulas.

Gnerre defende que esse destaque social e poder propulsionados pelo uso da norma culta decorre de fatores econômicos e sociais: “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais. ” (GNERRE,1991 p.7). Assim, a norma culta é mais valorizada socialmente porque seus falantes também o são.

Essa falsa ideia de poder gera o paradigma de que não há outra norma mais pura do que a norma culta e que não devem ser cometidos erros contra ela, esquecendo-se de que a língua ensinada na escola, na maioria das vezes, não é a mesma falada no cotidiano de muitos brasileiros. Bagno diz que:

[...] por isso a língua que elas [as pessoas que usam a linguagem não padrão] falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada “feia”, “pobre”, “carente”, quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola.”(BAGNO, 2007, p.41)

A classe social, a região geográfica, a posição política, econômica e cultural do

indivíduo e, inclusive, a língua dão a falsa ideia de que as pessoas consideradas “diferentes” estão em um nível inferior. Como, aparentemente, essa pessoa possui mais poder, os outros sujeitos se sentem intimidados e incapazes de se defenderem contra essa dominação, que muitas vezes é passiva e passa despercebida. Leite (2008) afirma: “[...] porque o que está em jogo aqui não é a língua, mas a pessoa que fala essa língua e a região geográfica onde essa pessoa vive. [...]” (LEITE, 2008, p.44)

Um dos exemplos do preconceito linguístico associado ao fator geográfico ocorre quando o nordestino migra para a região sul ou sudeste. Piadas de mau gosto carregadas de preconceito, julgamentos que consideram o sotaque “engraçado” ou “irritante” são evidências disso. Leite (2008) cita o exemplo de migração do nordestino:

Depois, especificamente com relação a São Paulo, o nordestino sofre o preconceito pelo sentimento de invasão e desordem da cidade que a migração dos pobres causa. Esse incômodo reflete na rejeição das características [...] sotaque, linguagem, aspecto físico, preferências gastronômicas [...] (LEITE, 2008, p.34)

Há também preconceito linguístico contra pessoas do interior que falam o R retroflexo ou àquelas que são considerados “classe C”. Os argumentos usados são que estas não sabem escrever ou falar, quando na verdade o preconceito não está enraizado somente por motivos linguísticos e sim por intolerância.

2.3 Novas formas de pensar a língua

Os estudos sociolinguísticos enfatizam a heterogeneidade linguística e defendem a importância de se combater o preconceito linguístico, mostram que muitas vezes a língua é usada como instrumento para dominar as massas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais já abordam a necessidade de se trabalhar a língua como um todo, mostrando sua diversidade. Essa mudança de visão sobre a língua e a linguagem foi fundamental para atualização do currículo das escolas. Assim, grande parte dos professores tem mudado seu modo de pensar e ensinar a língua e os alunos já conseguem perceber as diferentes situações sociocomunicativas.

Porém, ainda há grande influência do ensino estruturalista que prioriza o ensino das regras gramaticais em detrimento do ensino da língua em suas diferentes possibilidades. É necessário lembrar que assim como a língua se modifica no decorrer do tempo também há mudanças culturais, sociais, tecnológicas, políticas e econômicas. Segundo Bagno (2007), os mesmos termos gramaticais estabelecidos há mais de 2300 anos ainda são utilizados como se nada tivesse acontecido. É importante deixar claro que não há apologia para a extinção do ensino da norma culta, porém, é necessário trabalhá-la de uma forma contextualizada e não como séculos atrás. Deve-se considerar que a linguagem sempre é passível de mudanças.

Novas teorias e maneiras interdisciplinares/dinâmicas de se trabalhar o ensino de língua materna estão surgindo. O professor deve sempre se atualizar e fazer com que o aluno seja o produtor do seu próprio conhecimento, sem recriminá-lo como se os “erros” ortográficos fossem um assassinato da língua. Os Parâmetros Curriculares

Nacionais (PCN's) frisam, inclusive, a importância de relacionar o conteúdo teórico ao cotidiano do aluno, tornando as aulas menos mecanizadas e mais produtoras de pensamento crítico.

A forma como o professor ensina a língua influencia o modo como os alunos a verão. Se o professor prioriza somente os aspectos da gramática normativa, o aluno criará o paradigma “não sei falar português”. É preciso diferenciar que a norma culta não é a totalidade da língua.

Outro aspecto que precisamos considerar para compreendermos a visão normativista da língua é a cultura grafocêntrica, ou seja, que supervaloriza a escrita. É preciso considerar que a fala não funciona do mesmo modo que a escrita. Sobretudo no Brasil, em que percebemos maior distanciamento entre a língua oral praticada no cotidiano pelo brasileiro e a língua das gramáticas, é muito difícil alguém, mesmo que com boa formação acadêmica e com conhecimento da norma, fale todo o tempo do modo que escreve.

Bagno (2007, p.51) cita exemplos de ocasiões em livros didáticos que reforçam a cultura grafocêntrica: “[...] Muitas gramáticas e livros didáticos chegam ao cúmulo de aconselhar o professor a ‘corrigir’ quem fala muleque, bêjo, minino, bisôro, como se isso pudesse anular o fenômeno da variação, tão natural e tão antigo na história das línguas.” (BAGNO, 2007, p.51). Podemos refletir sobre o próprio vocábulo “muleque”, citado por Bagno. Fica o questionamento: por que sua pronúncia deveria ser corrigida, se a palavra em si já é utilizada em situações informais como gíria? Além disso, quando, em textos de produção escolar, o aluno será “autorizado” a usar “moleque” já que o costume é solicitar aos alunos somente textos em linguagem formal e adequado à norma culta? Sem considerar que alguns manuais ainda tratam gírias como “vícios de linguagem”.

Um acontecimento que evidenciou o quanto as pessoas, e inclusive a mídia, ainda têm um posicionamento tradicional e normativo com relação à língua foi o caso do livro “Por um vida melhor”, do Ministério da Educação, em 2011. Na tentativa de aproximar o aluno de sua língua praticada para, depois, introduzir a norma culta, o livro orientava que não era errado estruturas do tipo “nóis pega o peixe”.

O livro foi alvo de críticas ferrenhas por parte da população e, sobretudo, pela grande mídia, que isolaram o conteúdo e divulgaram negativamente o fato, tratando como um “crime” defender o uso das expressões coloquiais “erradas”. Na visão sociolinguista, “nóis pega o peixe” é uma variação linguística que deve ser considerada, não como erro, mas como parte de uma variante de determinada cultura. Ela é sim estigmatizada em nossa sociedade, mas sua existência não deve ser negada.

No ensino da língua materna, seria interessante partir da realidade linguística para ensino da norma padrão. Bagno (2007 p.22-23) mostra que as investigações da sociolinguística não partem de situações aleatórias e sim contextualizadas:

A Sociolinguística é um campo investigativo voltado ao estudo do fenômeno da língua que considera, como ponto de partida, os falantes reais dessa língua,

participes e construtores de uma sociedade que é dividida em classes, que apresenta conflitos sociopolíticos e culturais e que está imersa em disputas de poder. (BAGNO, 2007, p. 22-3)

Na polêmica, não foi levada em consideração a visão científica da Sociolinguística e observou-se o poder da mídia na propagação e manutenção de preconceitos e discriminações. Bagno evidencia esse papel da mídia quando diz que o preconceito linguístico:

[...] é alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos. (BAGNO, 2007, p.12)

Dentro dessa temática, Leite (2008) cita o caso em que a imprensa disse que o português do presidente Lula era inadequado, já que ele falava o “português popular.” Mas, um presidente não deveria falar o português do povo? O que há de errado em falar o português que a maioria da população fala? Por que o modo como uma pessoa fala é usado contra ela? Não há objetivo de levantar bandeiras políticas neste artigo, mas mostrar que esse preconceito deriva do preconceito social e da divergência de ideais.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Sociolinguística analisa a língua como um todo e por isso desempenha papel importante no combate ao preconceito e à intolerância linguística, além de demonstrar que por trás do preconceito há relações de poder que permeiam a sociedade.

O recorte abaixo foi feito de uma postagem de uma página que possui uma característica comum nos seus *posts*: criar frases de humor baseadas em erros ortográficos retirados de *posts* das redes sociais. Percebemos, através dos comentários dos usuários, que estes também consideram as postagens engraçadas:



Figura 1 – O uso do humor

Fonte: Córpus da Pesquisa



Figura 2 – O uso do humor



Figura 3 – A intenção vale mais que a escrita

Fonte: Córpus da Pesquisa

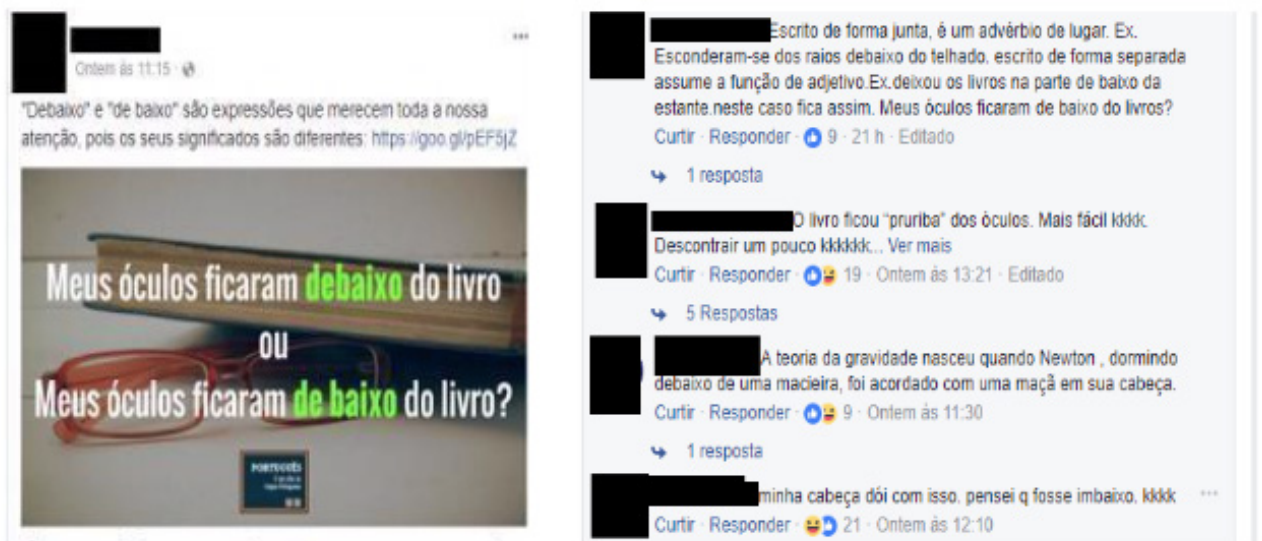


Figura 4 – Humor em páginas voltadas para o estudo

Fonte: Córpus da Pesquisa

Nos comentários a respeito de uma dica de bom uso da língua portuguesa, o tom humorístico, as aspas, os usos dos caracteres “kkkk” são usados pelos internautas para tentar fazer piada com usos da linguagem não padrão. As aspas, muitas vezes, dão a entender que o internauta está usando conscientemente uma estrutura que seria considerada “errada” pela sociedade.

As figuras 1, 2 e 3 acima mostram exemplos de uma página cujo propósito é encontrar os desvios ortográficos cometidos pelos usuários na rede e fazer uma sátira a respeito da grafia das palavras e do modo como os usuários se expressam.

Um dos mecanismos utilizados para disfarçar a intolerância linguística e afirmar

uma relação de poder nesse tipo de discurso é o humor, inclusive, muitos usuários respondem também realizando desvios ortográficos propositais nos comentários para enfatizá-lo. Percebe-se também que o domínio da ortografia é tão crucial para esses internautas, a ponto de desejar desfazer uma amizade por conta do seu mau uso.

O riso parece ser algo natural e espontâneo, mas está carregado de representações. Segundo Bergson (1983 apud FONSECA, 2012), há três condições para que o riso se instaure:

- deve expressar aspectos, expressões e atitudes humanas;
- deve estar isolado da emotividade, da solidariedade e da identificação entre os agentes sociais, necessitando de certo grau de insensibilidade e indiferença;
- necessita de grupos e classes sociais que com ele se identifiquem.

Quando há o riso a partir de usos da língua portuguesa não padrão, verifica-se a presença de um grupo que se mostra mais dominante: os defensores da norma culta que têm como objetivo criticar os desvios ortográficos cometidos pelos falantes da língua. Esse grupo dominante ao ridicularizar coloca-se com relativa superioridade em relação ao grupo ridicularizado, enfatizando um distanciamento identitário.

O comentário em que o usuário diz que a intenção vale mais que a escrita, mostra, porém, que mesmo em páginas de humor ainda existe uma pequena parcela que se sensibiliza e vê o preconceito por trás das piadas.

Além do humor em postagens, outra questão a ser considerada é a correção do falar do outro por partes de determinados grupos. É importante ressaltar que nas situações comunicativas analisadas não se está em uma situação didática, não há uma relação professor- aluno nesses casos. Mesmo assim, as pessoas sentem esta necessidade de corrigir o outro. Isso pode funcionar como autoafirmação, para manifestar que essas pessoas possuem um acesso privilegiado ao conhecimento linguístico. Muitas vezes, acreditam que a correção é uma “boa ação”, ensinar outras pessoas o “correto”. Na verdade, percebe-se uma manifestação do poder.



Fonte: Córpus da Pesquisa

Figura 5 – Correções de desvios ortográficos em temas aleatórios

A notícia acima foi retirada de um blog cujo público-alvo são pessoas cristãs e não está relacionada com a língua ou desvios ortográficos, porém, nos comentários encontra-se um usuário que faz correções aleatoriamente, como se o que mais importasse na notícia fossem os desvios ortográficos cometidos e não seu conteúdo. Também há certo argumento do poder opinativo (ou falta dele) das pessoas que “erram”.

Bagno denomina a necessidade de corrigir o outro como paranoia ortográfica:

“[...]É uma preocupação quase exclusiva com a forma, pouco importando o que haja ali de conteúdo. É sobretudo aquilo que chamo de paranóia ortográfica: uma obsessão neurótica para que todas as palavras tragam o acento gráfico, que todos os Ç tenham sua cedilha, que todos os J e G estejam nos lugares certos... e assim por diante. Aliás, uma porcentagem enorme do que todo mundo chama de “erro de português” diz respeito a meras incorreções ortográficas.”(BAGNO, 2001, p.120)

Para Bagno e Leite(2008), pessoas detentoras da norma culta são vistas com maior prestígio na sociedade, detentoras do conhecimento e intelectuais. A postagem abaixo foi feita por uma usuária cujo pai “não sabia escrever”. Segundo Leite (2008), quando uma pessoa “fala bem”, é elegante, seus atos e seus discursos são priorizados. Percebe-se, no entanto, que os usuários enxergaram não apenas desvios ortográficos, mas que por trás de um falante julgado por “não saber o português” existe um ser humano que deve ser respeitado e que a norma culta não é o fator que determina suas ações e personalidade. O arrependimento pelo pré-julgamento é demonstrado quando o internauta pede desculpas e outro reconhece a maldade presente em comentários que criticam o modo de se expressar do falante.



Figura 6 – Sensibilização

Fonte: Córpus da Pesquisa

Os ditos “erros de português” não passam despercebidos pela grande mídia quando se trata de eventos públicos ou celebridades. Um exemplo é o caso de uma reportagem da Revista Exame, também compartilhada via *Facebook*.

Diogo Arrais [professor citado na matéria para reforçar o ponto de vista da revista] corrigiu os erros gramaticais dos deputados durante o *impeachment* da presidente Dilma e reforçou dizendo que poderiam ser considerados como o *impeachment* da gramática. O texto abaixo foi transcrito da matéria:

Pelo respeito à representatividade de um cargo, é preciso pensar na existência da Língua; é preciso pensar na Palavra; é preciso pensar na existência de determinantes de singular ou plural; é preciso pensar no significado do discurso, no encadeamento do que forma um determinado texto; é preciso pensar em quem recebe a mensagem. É preciso pensar(...). É com o sentimento de uma tristeza semianalfabética que reconhecemos um verdadeiro impeachment gramatical. (ARRAIS, 2016).

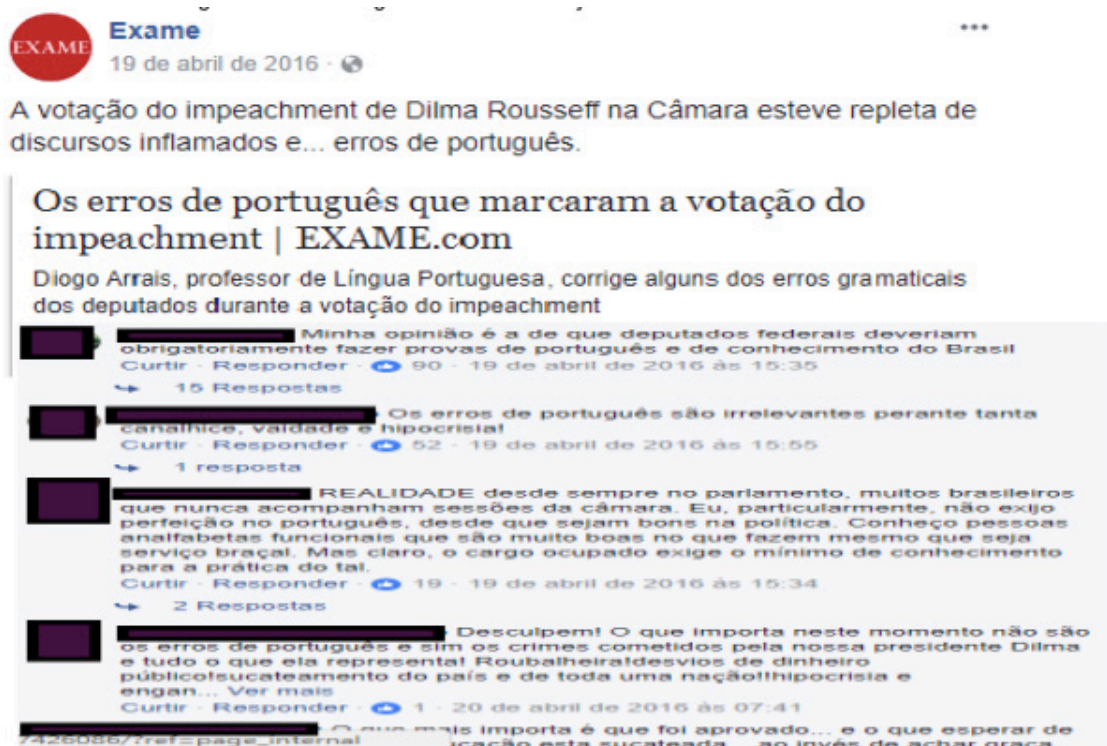


Figura 7– Post na grande mídia e reação dos usuários

Fonte: Córpus da Pesquisa

Através dos comentários dos internautas, percebe-se, porém, que já há uma visão mais comunicativa da língua, contradizendo a visão tradicional do jornalista. O fato de a norma culta não ter sido perfeitamente utilizada não significa que os falantes da língua sejam analfabetos. Os usuários mostram através de seus comentários que sua maior preocupação não estava relacionada às piadas ou críticas ao modo de falar dos deputados e sim com a situação tensa e crítica que o país estava enfrentando. O que importava realmente para eles no momento era a realidade por trás dos discursos e não seus aspectos gramaticais.

Nas postagens acima, em resposta à matéria da revista Exame, os usuários

demonstraram grande consciência crítica, analisando o discurso da revista e posicionando-se. Essa consciência é fundamental para que os interlocutores não sejam apenas receptores passivos, mas construam sua identidade. Na rede social e também nos comentários abaixo das reportagens, o falante, antes muitas vezes silenciado, ganha espaço e voz. Essa realidade é bastante diferente do jornais impressos de antigamente, em que os leitores se manifestavam apenas por meio da “carta do leitor” e a publicação da crítica passava pela aprovação da própria revista.

Leite (2008), em uma análise interessante, enfatizou em seu livro as críticas e os julgamentos que costumam ocorrer na grande mídia em relação a usos da linguagem não padrão. Sobre as críticas relacionadas ao modo de falar do presidente Lula, por exemplo:

“(...) O problema da crítica ao presidente fica atenuado porque, se a variante empregada por Lula em algumas situações é intencional, fica pressuposto que ele sabe, e pode, usar outra variante, a de prestígio (...)” (LEITE, 2008 p.61)

E ainda reforça seu posicionamento citando que a maioria da população não segue à risca a norma culta em seu cotidiano e isso não significa que essas pessoas sejam “burras”:

“[...] vai muito além da desqualificação da fala do presidente, chega-se mesmo à desqualificação do dialeto do *brasileiro* que fala como o presidente, embora o foco no texto seja o inverso, pois é o presidente que fala com o povo – e isso é o que realmente importa (...)” (LEITE, 2008 p.61)

É preciso, realmente, refletirmos sobre a constante crítica ao uso do português do Lula especificamente, muitas vezes considerado “burro” por não se manifestar verbalmente em linguagem culta. Leite (2008) faz uma análise de frases de discursos de Lula demonstrando que seu nível de linguagem não se caracteriza nem totalmente popular nem totalmente como culto. Seria um “meio termo”, típico da linguagem muito comumente utilizada por boa parte dos brasileiros.

Não se trata de defesas políticas aqui, mas de pensarmos que políticos de outros partidos, mais influentes socialmente, com tradição “cultural”, talvez façam o mesmo uso do português (inclusive com problemas de gramática, concordância verbal, enfim), mas que passem despercebidos pela população, já que não há o estigma do “eterno analfabeto” veiculado à sua imagem. Outra questão que aí está arraigada é o fato de ser nordestino.

Dentro dessa temática, apresentamos uma ocorrência em nosso corpus de manifestação de preconceito em relação às variantes linguísticas nordestinas:

Internauta diz que “povo brasileiro não merece” o sotaque de Renata Alves e recebe resposta

Apresentadora é de Sergipe

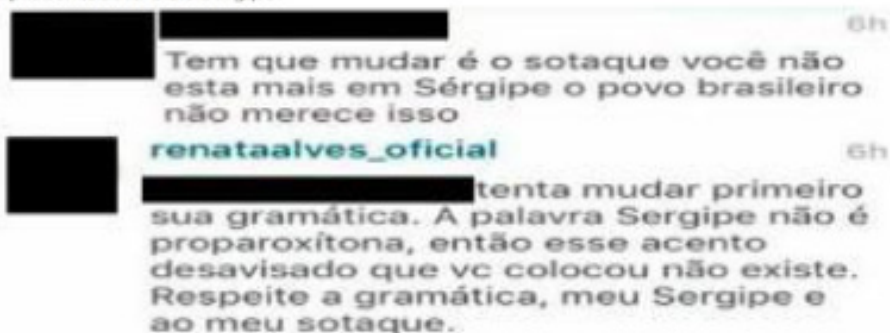


Figura 9– Preconceito contra nordestinos

A imagem acima revela um fato acontecido no *Instagram* da apresentadora do programa Hoje em Dia (Record), Renata Alves, uma das poucas apresentadoras que conservam o sotaque nordestino em reportagens na mídia nacional.

O fato de a internauta querer que a apresentadora mude seu sotaque representa intolerância e preconceito, não só de origem linguística, mas também social. Renata demonstra que domina a norma culta e que este fato não interfere no orgulho que tem pelo seu estado e suas origens, pois continua valorizando a cultura nordestina e, mesmo tendo alcançado o sucesso na grande mídia, posiciona-se defendendo os nordestinos contra o preconceito.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa, observamos que ainda há posicionamentos muito conservadores em que os usuários valorizam apenas a utilização da norma culta, como nos casos da utilização do humor para amenizar a crítica e o preconceito. Um dos exemplos que podemos citar é o *post* em que os usuários comentaram sobre desfazer a amizade porque a pessoa não dominava as regras gramaticais e por ela ter cometido desvios ortográficos. Esses posicionamentos são motivados, muitas vezes, por questão de autovalorização, poder, narcisismo, discriminação ou, até mesmo, porque os usuários acham que estão fazendo uma boa ação ao corrigir outros que cometem desvios ortográficos.

Porém, um resultado da pesquisa surpreendente, a partir dos textos analisados, é que já está havendo mudanças nas concepções de língua. Percebemos a emergência de uma consciência linguística crítica em relação à grande mídia e também aos próprios usuários de opiniões mais normativas acerca da língua, usuários esses que não consideram a situacionalidade em que a postagem encontra-se inserida, priorizando o bom uso da língua acima dos propósitos comunicativos reais. Essa visão mais ampla de língua, identificada em comunicações virtuais do *córpus* de pesquisa, provavelmente se deve às novas reflexões inseridas pela Sociolinguística e a renovação das práticas

de ensino de língua portuguesa. Vivemos em um período de transição, do ensino tradicional para o ensino que estimula a valorização das variantes linguísticas e que vê a língua como um todo, não apenas a norma culta.

No que se trata das variações que são maior alvo de preconceito, percebe-se que são aquelas faladas pela população menos prestigiada ou ilegítima. Neste ponto inserem-se as relações de poder presentes nas situações sociocomunicativas como a determinação de que a norma culta é a única correta e falada por intelectuais.

Conclui-se que a ideia de variante linguística e o combate ao preconceito linguístico estão bastante difundidos e até citados em alguns discursos, mas ainda persiste a ideia de que a língua “pura” é constituída apenas da norma culta e suas regras. É necessário, assim, maior trabalho de conscientização sobre o fato de que a língua não se resume apenas ao modo formal e de que há estratégias de dominação presentes nos discursos dos falantes que detêm (ou pensam que detêm) certo poder. Porém, os efeitos dessa consciência linguística crítica já podem ser sentidos na sociedade.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2001.

EXAME, Revista; PATI, Camila. **Os erros de português que marcaram a votação do impeachment**. 2016. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/carreira/os-erros-de-portuguesque-marcaram-a-votacao-do-impeachment/>>. Acesso em: 23 out. 2016.

FARACO, C. A. Norma: tecendo conceitos. In: FARACO, C. A. **Para conhecer a norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 3 ed. São Paulo: Martins fontes, 1994.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

ORLANDI, Eni. Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos. Campinas,SP: Pontes, 2001.

SILVA, Deonísio da; NUNES, Augusto. **Prefácio do livro de Celso Araldo: ‘O português de Dilma’**, por Deonísio da Silva. 2017. Disponível em:<<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/prefacio-do-livro-de-celso-arnaldo-8216-o-portugues-de-dilma-8217-por-deonisio-da-silva/pagina-comentarios-2/#comments>> Acesso em: 05 nov. 2017.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-378-1

